



Indicadores do agronegócio do RS: exportações e emprego formal em 2020

Rodrigo Daniel Feix e Sérgio Leusin Junior

Analistas Pesquisadores em Economia (SPGG-RS/DEE)

O Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG) atualiza as estatísticas de exportação e de emprego formal celetista do agronegócio do Rio Grande do Sul e do Brasil. Os dados brutos têm como fonte o Sistema Comex Stat, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), divulgados pelo Ministério da Economia.

A produção das estatísticas é inspirada no conceito do agronegócio, que, além da agropecuária, abrange a produção de insumos e de bens de capital para a agropecuária, a indústria de transformação de matérias-primas agropecuárias e as atividades especializadas na oferta de serviços agropecuários e na armazenagem e distribuição dos produtos do agronegócio. Em seguida, são apresentados os principais resultados do Rio Grande do Sul, referentes ao quarto trimestre e ao ano de 2020, comparativamente a igual período do ano anterior.

Para a análise das informações do emprego formal, cabe ressaltar que, a partir de janeiro de 2020, a captação de dados do Caged passou a ocorrer por meio do Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial), dando origem ao que se convencionou chamar de “estatísticas do Novo Caged”. As diferenças metodológicas entre as estatísticas do Caged e do eSocial podem afetar a comparabilidade das séries históricas, mas constituem as únicas informações disponíveis para o acompanhamento mensal e desagregado da dinâmica setorial do mercado de trabalho formal no Rio Grande do Sul¹.

1 Exportações

1.1 Exportações no quarto trimestre

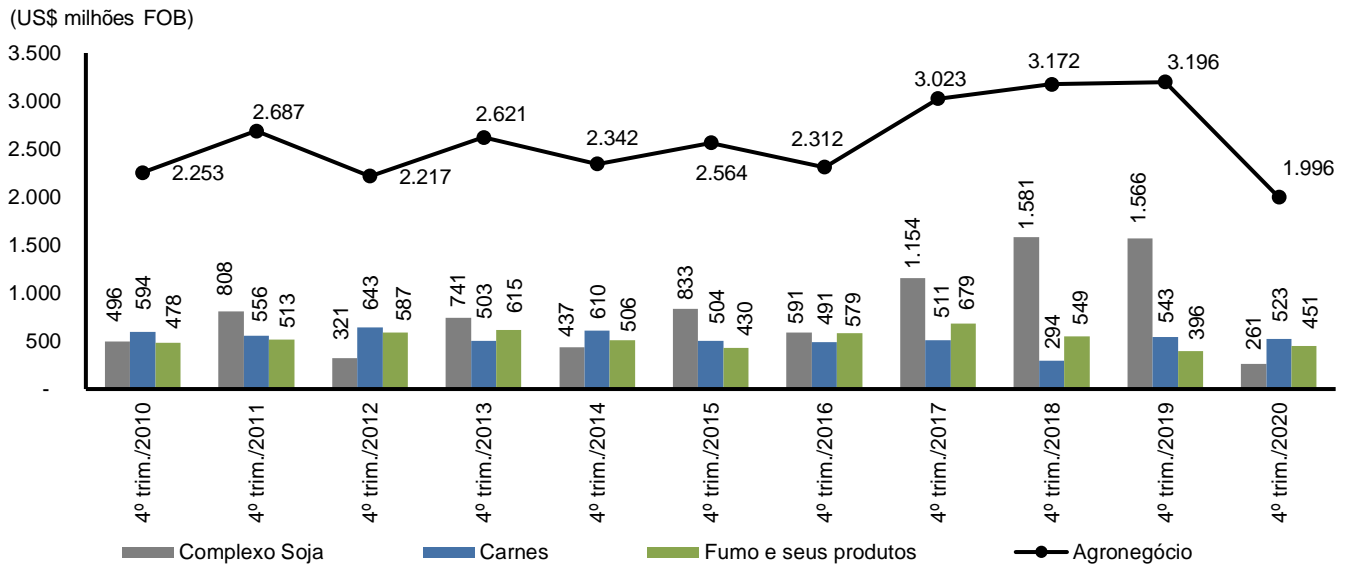
As exportações do agronegócio gaúcho totalizaram US\$ 2,0 bilhões no quarto trimestre de 2020, o que corresponde a 64,3% das exportações totais do Rio Grande do Sul. Comparativamente ao mesmo período do ano anterior, ocorreram quedas no valor (-37,5%), no volume exportado (-51,2%) e elevação nos preços médios valorados em dólar (28,0%). Em termos absolutos, a queda do valor exportado foi de US\$ 1,2 bilhão (Gráfico 1).

¹ Para maiores informações sobre as diferenças metodológicas entre as estatísticas do Caged e do Novo Caged, ver: BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria de Trabalho. **Substituição da captação dos dados do Caged pelo eSocial**. [Brasília, DF]: Ministério da Economia, 2020. (Nota Técnica). Disponível em http://pdet.mte.gov.br/images/Novo_CAGED/Nota%20t%C3%A9cnica%20substitui%C3%A7%C3%A3o%20CAGED_26_05.pdf. Acesso em: 03 ago. 2020.



Gráfico 1

Exportações totais e dos principais setores do agronegócio do Rio Grande do Sul — 4.º trim./2010-20

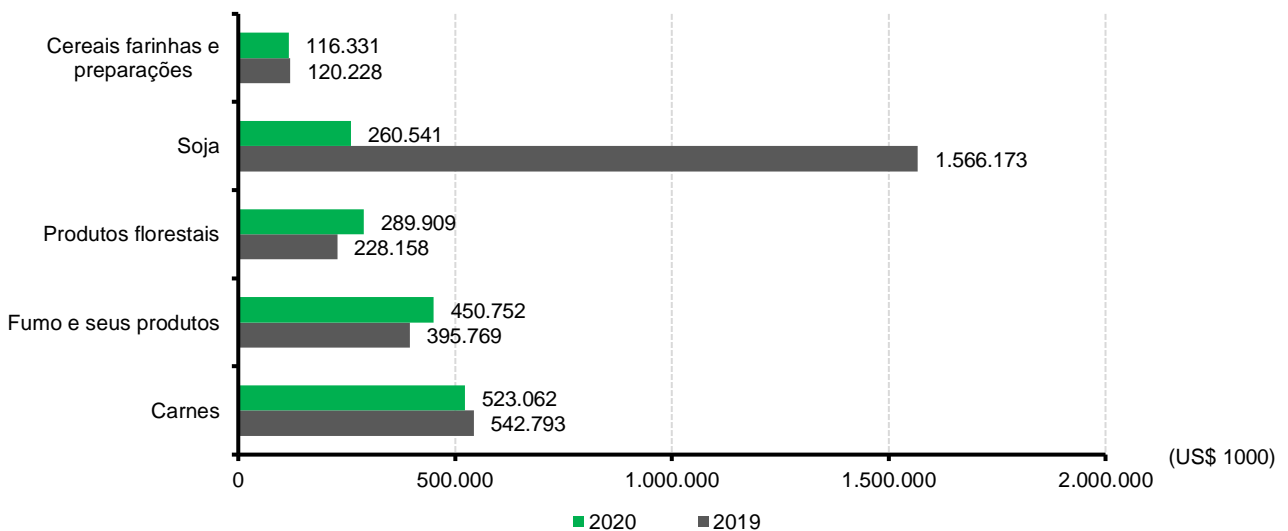


Fonte: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior.

Os cinco principais setores exportadores do agronegócio gaúcho no quarto trimestre de 2020 foram: carnes (US\$ 523,1 milhões), fumo e seus produtos (US\$ 450,8 milhões), produtos florestais (US\$ 289,9 milhões), complexo soja (US\$ 260,5 milhões) e cereais, farinhas e preparações (US\$ 116,3 milhões). A queda nas vendas ocorrida no trimestre foi causada pelo desempenho do complexo soja (menos US\$ 1,3 bilhão; -83,4%). A menor disponibilidade interna da oleaginosa devido à estiagem e ao intenso movimento de embarques nos meses anteriores foi determinante para o resultado do trimestre. Contrariando a tendência geral de queda nas exportações, as vendas externas dos setores de produtos florestais (mais US\$ 61,8 milhões; 27,1%) e de fumo e seus produtos (mais US\$ 55,0 milhões; 13,9%) continuaram expandindo-se (Gráfico 2).

Gráfico 2

Principais setores exportadores do agronegócio no Rio Grande do Sul — 4.º trim./2019 e 4.º trim./2020



Fonte: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior.

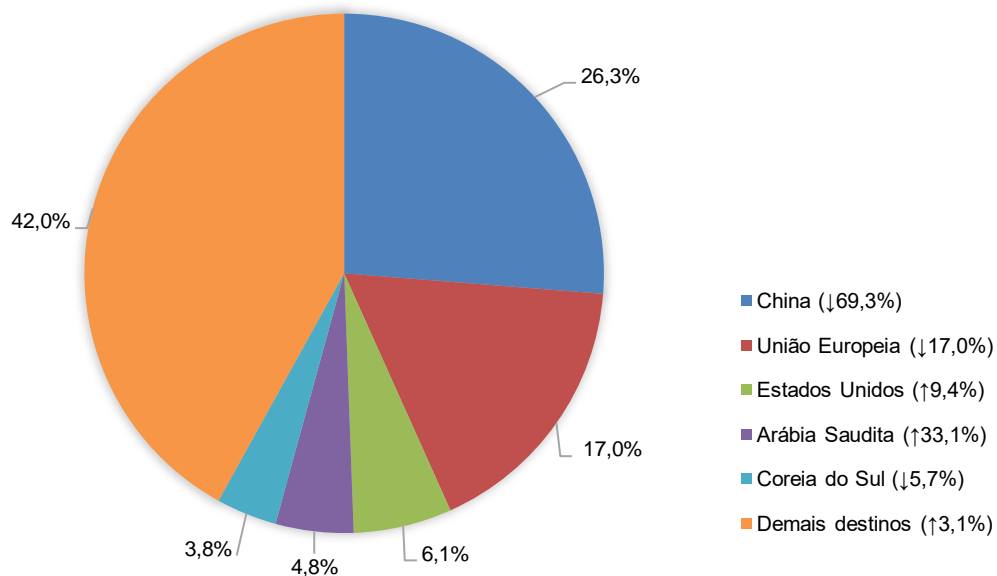


Os principais destinos das exportações do agronegócio gaúcho no quarto trimestre de 2020 foram: China (26,3%), União Europeia (17,0%), Estados Unidos (6,1%), Arábia Saudita (4,8%) e Coreia do Sul (3,8%). Esses cinco destinos concentraram 58,0% do valor exportado no trimestre. A China foi responsável pela maior redução absoluta no valor das exportações gaúchas, comparativamente ao quarto trimestre de 2019 (menos US\$ 1,2 bilhão; -69,3%). Na sequência, as maiores reduções nas exportações ocorreram para a União Europeia (menos US\$ 69,6 milhões; -17,0%) e Iraque (menos US\$ 21,6 milhões; -78,5%) (Gráfico 3).

A queda no valor exportado para a China concentrou-se na soja em grão (menos US\$ 1,3 bilhão; -98,2%). Além da baixa disponibilidade interna da oleaginosa para a exportação, tradicionalmente, no quarto trimestre, a soja gaúcha enfrenta a concorrência norte-americana no mercado internacional. Particularmente, nesse trimestre, também, foi observado o reestabelecimento do padrão histórico de comércio entre a China e os EUA no mercado da soja. Para a União Europeia, a queda concentrou-se no farelo de soja (menos US\$ 66,6 milhões; -43,4%). Enquanto para o Iraque, os produtos que explicam a redução no trimestre foram o arroz (menos US\$ 13,0 milhões; -100%) e a carne de frango (menos US\$ 8,4 milhões; -60,4%).

Gráfico 3

Principais destinos das exportações no agronegócio do Rio Grande do Sul — 4.º trim./2020



Fonte: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior.

Nota: Os percentuais do gráfico correspondem à parcela do valor exportado no quarto trimestre de 2020, em dólares. Entre parênteses, na legenda, os percentuais correspondem à variação do valor no quarto trimestre de 2020, comparativamente a igual período de 2019.

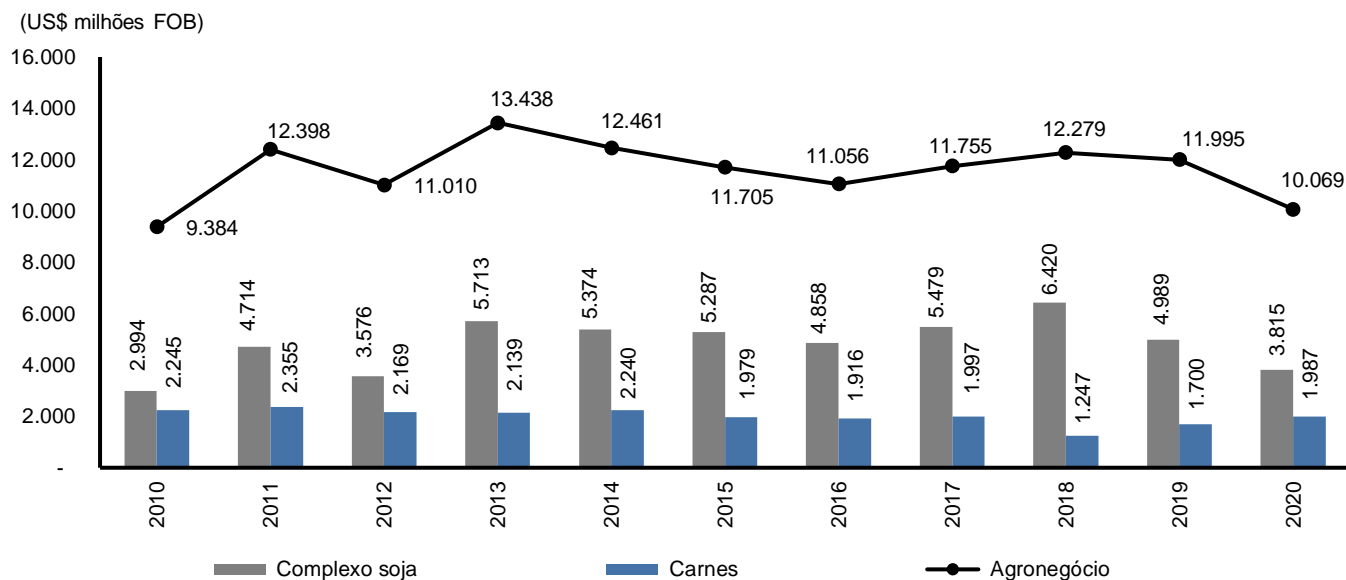
1.2 Exportações do agronegócio gaúcho em 2020

As exportações do agronegócio gaúcho em 2020 totalizaram US\$ 10,1 bilhões, o que corresponde a 71,6% das exportações totais do Rio Grande do Sul. Comparativamente ao ano anterior, ocorreram quedas no valor (-16,1%), no volume embarcado (-12,5%) e nos preços médios valorados em dólar (-4,0%). Em termos absolutos, a queda do valor exportado em 2020, comparativamente a 2019, foi de US\$ 1,9 bilhão (Gráfico 4).



Gráfico 4

Exportações totais e dos principais setores do agronegócio do Rio Grande do Sul — 2010-20



Fonte: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior.

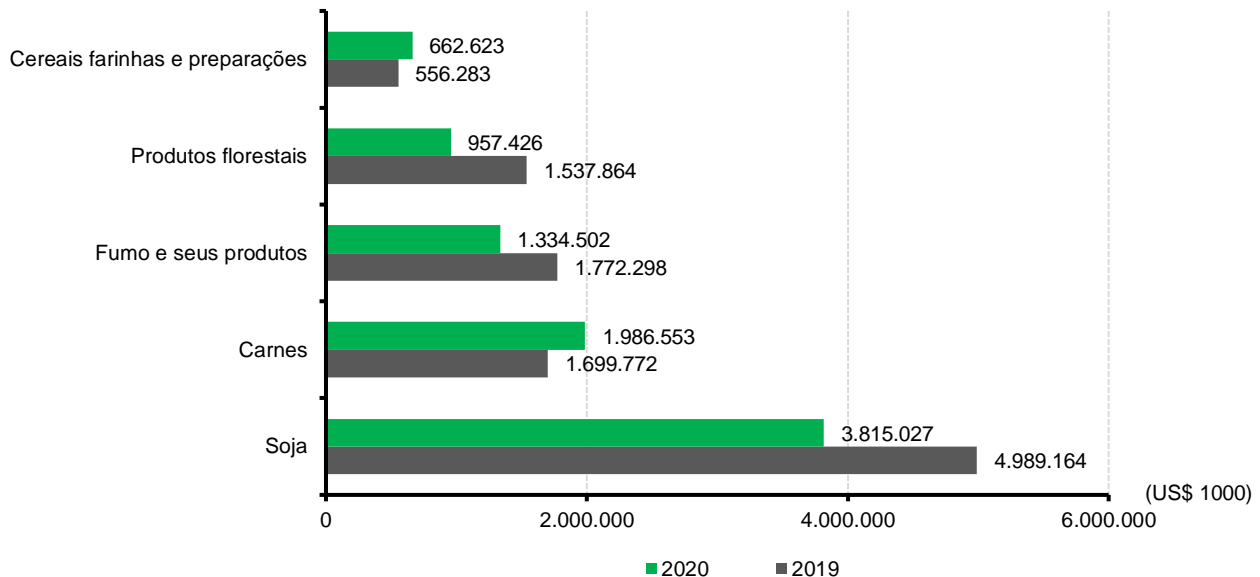
Em 2020, os cinco principais setores exportadores do agronegócio gaúcho foram: complexo soja (US\$ 3,8 bilhões), carnes (US\$ 2,0 bilhões), fumo e seus produtos (US\$ 1,3 bilhão), produtos florestais (US\$ 957,4 milhões) e cereais, farinhas e preparações (US\$ 662,6 milhões). O resultado negativo do ano foi determinado pelo complexo soja (menos US\$ 1,2 bilhão; -23,5%) e, em menor medida, pelos setores de produtos florestais (menos US\$ 580,4 milhões; -37,7%) e de fumo e seus produtos (menos US\$ 437,8 milhões; -24,7%). As exportações do complexo soja apresentaram forte queda no ano, em função da estiagem e da consequente quebra na produção no território gaúcho (-38,9% segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)). No caso dos produtos florestais, embora o volume embarcado manteve-se relativamente estável (-1,0%), a expressiva queda no valor exportado deve-se à redução nos preços médios (-37,1%). O setor de fumo e seus produtos, cuja disponibilidade de matéria-prima também foi adversamente impactada pela estiagem, apresentou redução no volume embarcado (-7,0%), mas o efeito que predominou no seu desempenho do ano foi a queda nos preços médios (-19,0%). A baixa qualidade do produto devido à estiagem reforçou uma tendência, iniciada em 2013, de queda nos preços médios do tabaco gaúcho vendido no mercado internacional (Gráfico 5).

Contrariando a tendência de queda no ano, os maiores crescimentos, em termos absolutos, no valor exportado, ocorreram nos setores de carnes (mais US\$ 286,8 milhões; 16,9%) e de cereais, farinhas e preparações (mais US\$ 106,3 milhões; 19,1%). O crescimento nas vendas de proteínas animais deve-se, principalmente, ao desempenho das carnes suína (mais US\$ 215,8 milhões; 52,4%) e bovina (mais US\$ 65,5 milhões; 24,9%). O setor de cereais, farinhas e preparações apresentou o segundo maior crescimento absoluto nas vendas, em 2020 (mais US\$ 106,3 milhões; 19,1%). O desempenho decorreu das exportações de arroz, que subiram 37,3% em valor e alcançaram 1,3 milhão de toneladas no ano, o segundo maior volume da série histórica.



Gráfico 5

Principais setores exportadores do agronegócio no
Rio Grande do Sul — 2019 e 2020



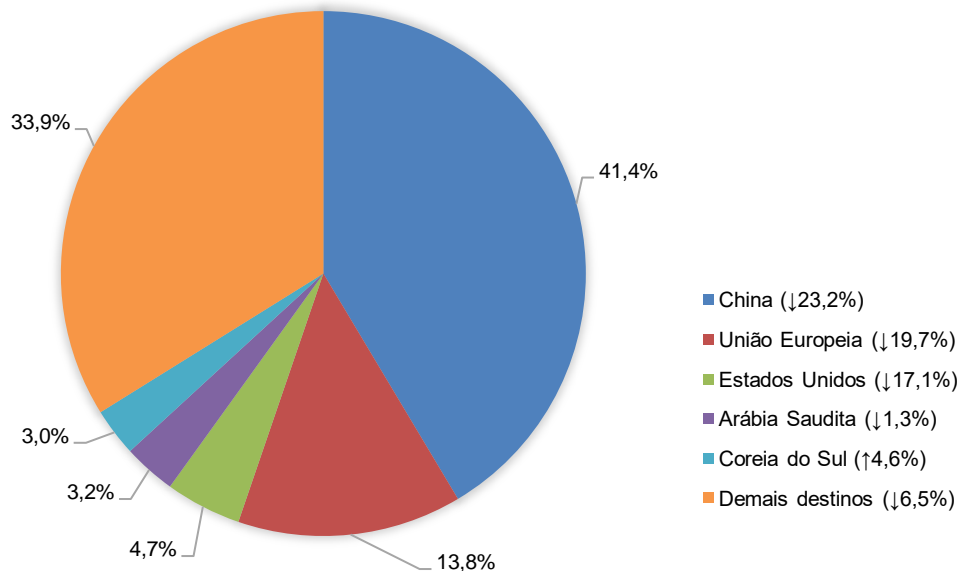
Fonte: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior.

No que se refere aos destinos das exportações do agronegócio gaúcho em 2020, os cinco principais foram: China (41,4%), União Europeia (13,8%), Estados Unidos (4,7%), Arábia Saudita (3,2%) e Coreia do Sul (3,0%). Esses cinco destinos concentraram 66,1% do valor das vendas no ano. A China foi responsável pela maior redução absoluta no valor das exportações gaúchas do agronegócio em 2020 (menos US\$ 1,3 bilhão; -23,2%). Na sequência, aparecem União Europeia (menos US\$ 341,5 milhões; -19,7%), Irã (menos US\$ 156,9 milhões; -70,7%) e Estados Unidos (menos US\$ 97,2 milhões; -17,1%). Entre os principais destinos, somente a Coreia do Sul apresentou um comportamento diferente da tendência de queda no ano (mais US\$ 13,2 milhões; 4,6%) (Gráfico 6).



Gráfico 6

Principais destinos das exportações no agronegócio do Rio Grande do Sul — 2020



Fonte: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior.

Nota: Os percentuais do gráfico correspondem à parcela do valor exportado no ano de 2020, em dólares. Entre parênteses, na legenda, os percentuais correspondem à variação do valor no ano de 2020, comparativamente a 2019.

Para a China, a queda, no ano, concentrou-se na soja em grão (menos US\$ 1,2 bilhão; -29,2%), na celulose (menos US\$ 297,7 milhões; -57,2%) e no fumo não manufaturado (menos US\$ 232,9 milhões; -60,4%). O fumo não manufaturado foi o produto com pior desempenho nas vendas para a União Europeia (menos US\$ 123,2 milhões; -20,1%), seguido da celulose (menos US\$ 110,2 milhões; -47,5%). No caso do Irã, a queda concentrou-se nos produtos do complexo soja (menos US\$ 136,4 milhões; -68,4%). A menor disponibilidade da soja devido à estiagem poderia ser uma explicação para a forte queda das exportações gaúchas para o Irã, contudo, mesmo com a expansão da safra, as exportações brasileiras para esse destino também apresentaram forte redução em 2020 (menos US\$ 490,7 milhões; -59,5%). O acirramento das tensões entre os EUA e o Irã em 2020 e a imposição de sanções pelos norte-americanos aos iranianos podem ter afetado indiretamente o comércio brasileiro com o país persa. Em razão das restritas opções de oferta de soja no mercado internacional, a principal hipótese é que o Irã tenha substituído a soja gaúcha e brasileira pela oleaginosa proveniente da Argentina, Paraguai e/ou Ucrânia.

O comportamento das carnes exportadas para a China foi o destaque setorial entre os destinos. O país asiático dobrou as importações de carnes provenientes do Rio Grande do Sul em 2020 (mais US\$ 373,7 milhões; 103,9%) e já responde por mais de um terço do total das exportações do Estado nesse setor. O Rio Grande do Sul permaneceu na quarta posição entre os maiores exportadores de carnes do Brasil, mas foi o estado que apresentou a melhor performance em 2020. Com esse desempenho, o Estado voltou a atingir a média histórica de um milhão de toneladas anualmente exportadas. Todas as carnes colaboraram para esse movimento, mas a carne suína exportada para a China foi o grande destaque, com uma expansão de 147,1%.

No que se refere às perspectivas para 2021, especificamente para o caso da soja, principal produto de exportação do Rio Grande do Sul, os dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) mostram a forte retomada das compras da soja norte-americana pelos chineses para o corrente ano agrícola. O movimento dos embarques é maior que a média dos últimos cinco anos. As tensões comerciais entre os dois países, que se intensificaram a partir de 2018, apresentam sinais consistentes de arrefecimento. A volta à normalidade nas relações sino-americanas pode diminuir a preferência chinesa pela soja brasileira, verificada desde o início da guerra comercial com os EUA. Por outro lado, a recomposição do rebanho suíno chinês e a substituição de seu modelo tradicional



de produção, por um padrão mais industrial e tecnificado, resultará em uma demanda adicional por soja e milho no mercado mundial. O balanço mundial de oferta e demanda de soja mostra-se bastante ajustado para o próximo ano. Com estoques mundiais baixos e a demanda chinesa retornando aos níveis históricos, espera-se a manutenção dos preços da soja em patamares elevados ao longo do ano. No plano doméstico, o cenário atual indica a redução do potencial produtivo da safra, impactada pelo atraso do plantio devido à falta de chuvas. Diferentemente de 2019, neste ano, a estiagem não é uma preocupação exclusiva do Rio Grande do Sul, uma vez que outros importantes produtores também estão sentindo os efeitos adversos do fenômeno *La Niña*. Não obstante o volume de chuvas em janeiro ter sido satisfatório aqui no Estado, observa-se a redução nas expectativas iniciais de produção para a soja e demais culturas desta safra de verão em função de anomalias de precipitação nos meses anteriores.

Para o setor de carnes, que foi o destaque em 2020, a expectativa é de manutenção dos patamares exportados dos últimos anos. A recuperação total do rebanho suíno chinês deve ocorrer somente em 2022 e, até lá, o Rio Grande do Sul continuará sendo beneficiado pela forte demanda mundial por proteínas animais. Durante esse período, é importante que o setor de carnes, principalmente a cadeia envolvida na produção de carne suína, dimensione adequadamente os seus investimentos e busque mercados alternativos, tendo em vista os desafios que se apresentam para o setor. Entre 2018 e 2020, período em que os efeitos da Peste Suína Africana (PSA) foram mais severos, a China ocupou um espaço deixado pela Rússia, maior comprador histórico da carne suína gaúcha. Porém, na última década, a Rússia expandiu sua produção doméstica de carne suína, alcançando sua autossuficiência em 2020. Pela primeira vez o País passou de importador para exportador líquido dessa proteína. Essa mudança de paradigma já foi percebida na dinâmica de comércio com o Rio Grande do Sul, uma vez que, em 2020, a Rússia praticamente zerou suas importações de carne suína do Estado.

Em se tratando dos efeitos da pandemia para as exportações do agronegócio em 2021, o cenário pessimista aponta para a repetição das dinâmicas verificadas em 2020. De maneira geral, no último ano, houve uma elevação na demanda mundial por alimentos básicos, seja para a formação de estoques preventivos, seja porque uma parcela maior da população realizou suas refeições em casa. Os efeitos mais visíveis foram na demanda, nos estoques e nos preços do arroz e do trigo, que apresentaram crescimentos expressivos em 2020. No setor das carnes, o balanço é incerto. Com a crise econômica e a restrição na oferta de carne suína, houve uma transição de consumo para a carne de frango, mais barata e com maior elasticidade de produção no curto prazo, mas os preços internacionais mantiveram-se em patamares elevados. Para a celulose, o balanço também é incerto. Ainda que o incremento do comércio eletrônico e as mudanças de hábitos relacionados à higiene pessoal, durante a pandemia, possam ter elevado a demanda por papes sanitários, o consumo de papel para escritório, que já apresentava uma tendência de queda, sofreu uma forte redução em 2020. Já em um cenário otimista, com ampla vacinação e rápido retorno das atividades econômicas em âmbito mundial, o setor de transportes, duramente abalado pela pandemia, deve provocar uma elevação da demanda e dos preços do petróleo no mercado mundial. Uma consequência indireta dessa dinâmica para o agronegócio gaúcho pode ser o crescimento das compras por países exportadores de petróleo, entre eles a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos, tradicionais parceiros comerciais do Estado.

2 Emprego formal no agronegócio

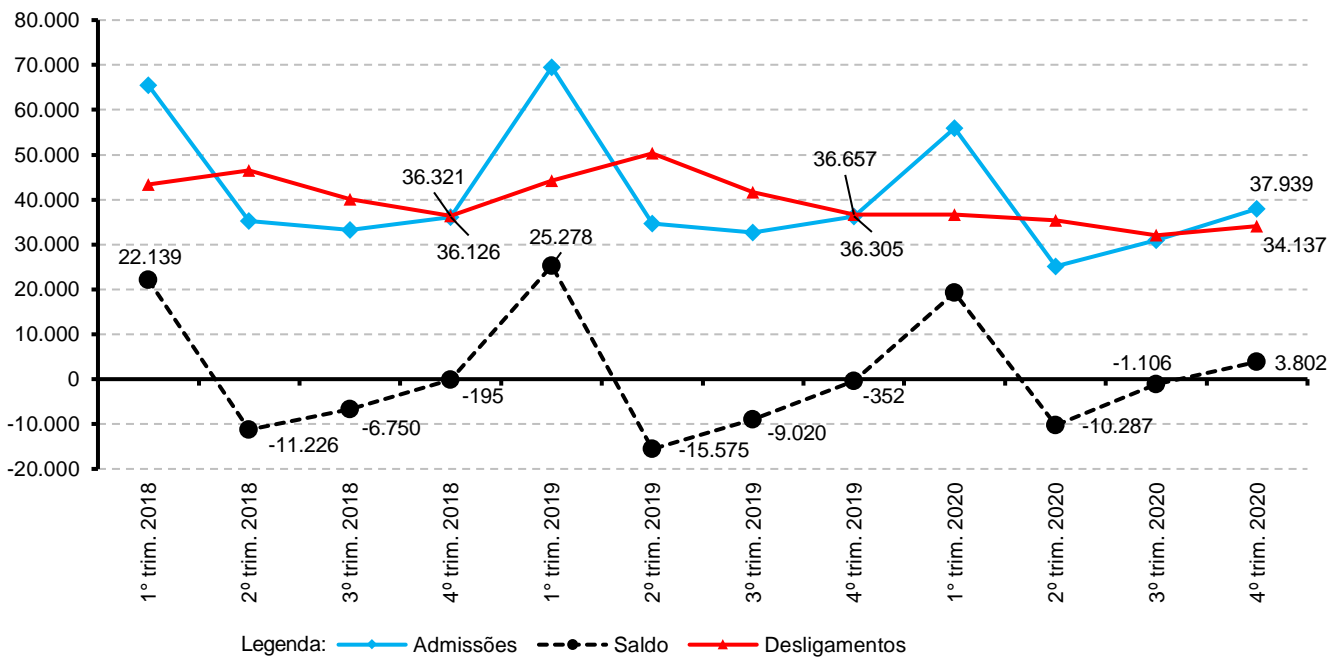
2.1 Emprego formal no quarto trimestre

No quarto trimestre de 2020, foi registrado saldo positivo de empregos formais no agronegócio do Rio Grande do Sul. O número de admissões (37.939) superou o de desligamentos (34.137), resultando na criação de 3.802 postos de trabalho com carteira assinada. Em 2019, no mesmo período, o saldo foi negativo em 352 empregos (Gráfico 7). Para o conjunto da economia gaúcha, o trimestre também foi marcado pela continuidade do processo de recuperação de postos de trabalho fechados no segundo trimestre, período mais crítico da pandemia. Entre outubro e dezembro, foram criados 55.889 empregos formais no Rio Grande do Sul.



Gráfico 7

Evolução do emprego formal celetista (admissões, desligamentos e saldo) do agronegócio no Rio Grande do Sul — 1.º trim./2018-4.º trim./2020



Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho.
Nota: 1. Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo.
2. Os dados até 2019 são do Caged. A partir de 2020, utiliza-se o Novo Caged.

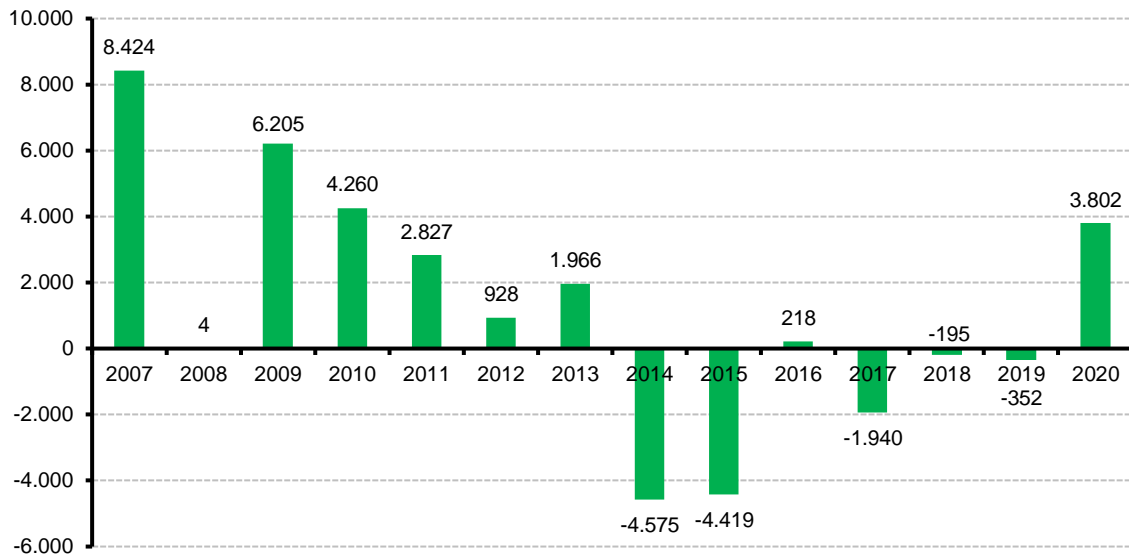
Como reflexo da sazonalidade da produção agrícola local e dos seus desdobramentos para as atividades agroindustriais, tradicionalmente, no segundo e no terceiro trimestres são registrados saldos negativos de empregos no agronegócio gaúcho. Uma parcela significativa da mão de obra admitida nos primeiros meses do ano, para fazer frente aos serviços de colheita, recebimento, processamento e comercialização da safra de verão, é desmobilizada a partir de abril. Contudo, em 2020, a pandemia da Covid-19 e a estiagem alteraram parcialmente a dinâmica do emprego formal do setor no Estado. Em função da queda na produção agrícola, diminuiu a contratação de trabalhadores temporários no primeiro trimestre de 2020. Isso ajuda a explicar o menor número de desligamentos nos trimestres seguintes. Além disso, como consequência da pandemia, houve o retardamento do beneficiamento de algumas matérias primas agropecuárias, como o fumo, o que gerou a extensão da janela de produção e favoreceu uma maior estabilidade no emprego agroindustrial em 2020.

Nos últimos anos, o quarto trimestre tem-se caracterizado por apresentar o maior equilíbrio entre admissões e desligamentos no agronegócio gaúcho. Porém, em 2020, a criação de postos de trabalho foi a maior para o trimestre desde 2010. Esse desempenho é explicado, principalmente, pela criação de empregos nos segmentos situados à montante e à jusante da atividade agropecuária (“antes e depois da porteira”). Gráfico 8.



Gráfico 8

Evolução do saldo de empregos no agronegócio do Rio Grande do Sul – 4.º trim./2007-4.º trim./2020



Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho.

Nota: 1. Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo

2. Os dados até 2019 são do Caged. A partir de 2020, utiliza-se o Novo Caged.

No segmento “depois da porteira”, composto predominantemente de atividades agroindustriais, foram criados 2.762 postos de trabalho com carteira assinada no quarto trimestre. O principal setor responsável pelo resultado foi o de abate e fabricação de produtos de carne, que registrou saldo positivo de 1.371 empregos entre outubro e dezembro. No trimestre anterior, o setor de carnes já havia liderado a criação de empregos no agronegócio gaúcho e atingido o maior nível de vínculos ativos da série temporal iniciada em 2007. Com a nova alta, o recorde foi renovado e o setor passou a contar com 66.944 empregos formais no Rio Grande do Sul. Ao longo de 2020, o principal setor empregador do agronegócio gaúcho beneficiou-se do crescimento da demanda externa por proteínas. Conforme observado anteriormente, o volume das exportações de carnes segue em alta, especialmente para a China, apesar de restrições pontuais e temporárias de oferta causadas pela difusão da Covid-19 no território gaúcho. A desvalorização cambial favorece a competitividade dos produtos brasileiros no mercado internacional, e esse impulso tem sido importante para a expansão da indústria de abates. Em janeiro, a autoridade sanitária chinesa anunciou o fim da suspensão das importações de dois frigoríficos localizados no Rio Grande do Sul, o que favorece a continuidade das vendas em 2021.

Na segunda e terceira posições em geração de empregos no segmento “depois da porteira” aparecem os setores de fabricação de conservas (1.340 postos) e de comércio atacadista de produtos agroindustriais (1.181 postos). No setor de conservas, o movimento é sazonal, associado à colheita e processamento de frutas, principalmente do pêssego na região sul do Estado. No comércio atacadista, a criação de empregos foi generalizada, com destaque para o comércio da soja. Por outro lado, a indústria fumageira foi a que mais desmobilizou trabalhadores no quarto trimestre (-2.782 postos). A pandemia e as ações voltadas ao distanciamento controlado alteraram o calendário de processamento do fumo e a dinâmica da demanda por mão de obra. Na prática, ocorreu um alargamento da tradicional janela de beneficiamento do fumo, resultando em demissões abaixo da média no terceiro trimestre e acima da média no último trimestre de 2020.

O segmento “antes da porteira”, formado por atividades dedicadas ao fornecimento de insumos, máquinas e equipamentos para a agropecuária, registrou saldo positivo de 601 empregos no quarto trimestre. O principal setor responsável pela continuidade na geração de postos de trabalho nesse segmento foi o de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos de uso agropecuário (603 postos). De abril a junho, em todo o Brasil, essa indústria



foi adversamente afetada pela paralização de plantas produtivas em função da pandemia. A partir do terceiro trimestre, a produção nacional passou a se recuperar, impulsionando novas contratações. A safra recorde no Brasil, as ótimas margens de rentabilidade das safras 2019/20 e 2020/21, a queda nas taxas de juros e a alta sustentada dos preços no segundo semestre são fatores de estímulo à aquisição de novas máquinas pelos produtores brasileiros. Além disso, o fato de a agropecuária ter sofrido menos intensamente os impactos da crise econômica no Brasil elevou o interesse de instituições financeiras em ofertar crédito ao setor. Assim, apesar de um primeiro semestre de dificuldades, a indústria nacional de máquinas agrícolas recuperou-se no semestre seguinte e encerrou o ano com crescimento de 6% nas vendas (de tratores de rodas, colheitadeiras e cultivadores), segundo as estatísticas da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). O Rio Grande do Sul, que responde pela maior parcela da produção nacional de máquinas agrícolas, beneficiou-se desse cenário. Dificuldades da cadeia de suprimentos em atender a demanda das fábricas locais limitaram o crescimento da produção em 2020, mas a expectativa é favorável para 2021.

No segmento “dentro da porteira”, constituído pelas atividades agropecuárias, foram criados 439 postos de trabalho no quarto trimestre. Houve desmobilização de trabalhadores no setor de lavouras permanentes e baixa criação de empregos no setor de lavouras temporárias. A geração de postos de trabalho derivou do desempenho dos setores de horticultura e ligados à produção florestal. Com o início da colheita da safra de verão, o saldo de empregos tende a crescer significativamente no próximo trimestre, para o que contribui, além da sazonalidade, a recuperação da produtividade física das principais culturas impactadas pela estiagem na safra anterior. Tabela 1.

Tabela 1

Setores do agronegócio com maior criação e perda de empregos formais celetistas no
Rio Grande do Sul — 4.º trim./2019 e 4.º trim./2020

SETORES	SALDO		DIFERENÇA
	4.º Trim./2019	4.º Trim./2020	
Maiores saldos			
Abate e fabricação de produtos de carne	-100	1.371	1.471
Fabricação de conservas	1.211	1.340	129
Comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais	587	1.181	594
Fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários	-998	603	1.601
Laticínios	171	534	363
Curtimento e preparações de couro	25	416	391
Fabricação de produtos intermediários de madeira	-209	355	564
Fabricação de chocolates e produtos de confeitaria	-40	332	372
Menores saldos			
Fabricação de produtos do fumo	-844	-2.782	-1.938
Fabricação de adubos e fertilizantes	-467	-452	15
Produção de lavouras permanentes	-633	-433	200
Moagem e fabricação de produtos amiláceos	-240	-357	-117
TOTAL DO AGRONEGÓCIO	-352	3.802	4.154

Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho.

Nota: 1. Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo.

2. Os dados até 2019 são do Caged. A partir de 2020, utiliza-se o Novo Caged.

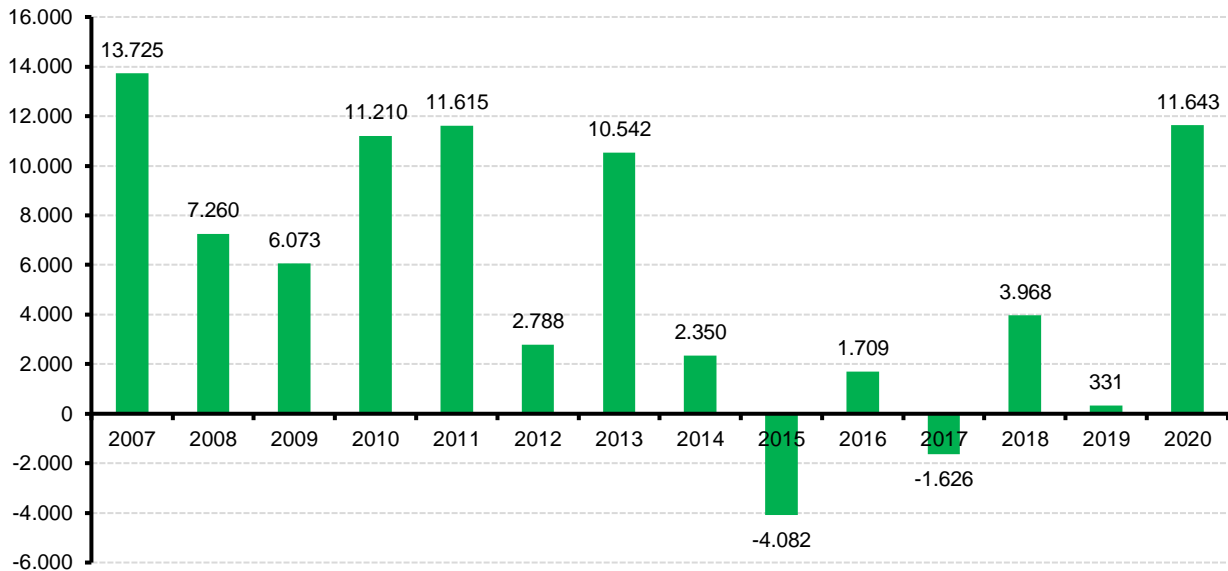
2.2 Emprego formal no agronegócio em 2020

Em dezembro de 2020, havia 337.048 vínculos ativos de emprego com carteira assinada no agronegócio do Rio Grande do Sul. Apesar da perda de empregos no segundo e no terceiro trimestres, o saldo foi positivo no acumulado do ano. Entre janeiro e dezembro, o número de admissões (149.978) foi superior ao de desligamentos (138.335), resultando na criação de 11.643 postos de trabalho com carteira assinada no setor. Em igual período do ano anterior, foram criados 331 postos de trabalho no agronegócio gaúcho. No conjunto da economia gaúcha, o saldo é negativo em 2020, tendo sido perdidos 20.220 postos de trabalho formais no acumulado de 12 meses. Gráfico 9.



Gráfico 9

Evolução do saldo anual de empregos formais celetistas do agronegócio no Rio Grande do Sul — 2007-20



Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho.

Nota: 1. Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo.

2. Os dados até 2019 são do Caged. A partir de 2020, utiliza-se o Novo Caged.

A geração de empregos formais no agronegócio gaúcho em 2020 foi a segunda maior da série histórica iniciada em 2007. À primeira vista, esse desempenho parece contraditório, considerando-se o cenário de frustração da safra de grãos decorrente da estiagem e os impactos da pandemia da Covid-19 sobre a economia brasileira. Para elucidar essa questão, na sequência, são detalhadas as principais fontes de variação do emprego formal no agronegócio gaúcho em 2020.

Em termos gerais, pode-se afirmar que a cadeia produtiva da pecuária foi a principal responsável pela geração de empregos. Os resultados positivos abrangem a produção primária e avançam para os elos agroindustriais, sobretudo na produção de carnes. Desde o início do ano, o setor de abate e fabricação de produtos de carne manteve um alto nível de criação de postos de trabalho, tendo acumulado, em 12 meses, um saldo recorde de 6.626 empregos. A geração de empregos nesse setor é explicada principalmente pela dinâmica produtiva das cadeias de aves e suínos. A criação e a engorda desses animais ocorrem em sistemas controlados, cada vez mais assemelhados à organização da produção industrial, e menos expostos aos efeitos da variabilidade do clima. Embora a estiagem tenha restringido a oferta local dos principais insumos que compõem a ração animal (soja e milho), foi possível atender a demanda do setor a partir do aumento das compras de outras regiões do País. Em 2020, o setor de carnes brasileiro beneficiou-se do impulso externo. Conforme relatado anteriormente, o volume de exportação de carnes do Rio Grande do Sul cresceu 23% em 2020. Nos últimos anos, foram realizados importantes investimentos na abertura e modernização de plantas industriais no Rio Grande do Sul, e também cresceu o número de frigoríficos habilitados à exportação. Os números da Pesquisa Trimestral de Abates de Animais, referentes ao quarto trimestre, ainda não foram divulgados pelo IBGE, mas os dados disponíveis para os nove primeiros meses do ano indicam um elevado nível de atividade, sobretudo nos frigoríficos que abatem frangos e suínos.

O setor com o segundo melhor desempenho na geração de empregos, em 2020, foi o de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários (1.740 postos). Impactada por restrições às atividades em meio à pandemia, a indústria de máquinas agrícolas passou por um momento crítico no segundo trimestre e interrompeu temporariamente a geração de postos de trabalho. A partir do segundo semestre, a demanda nacional por bens de capital na agricultura voltou a crescer de forma sustentada, estimulada pela alta nos preços agropecuários e as ótimas margens para a comercialização antecipada de grãos. No Brasil, as vendas de máquinas agrícolas cresceram



15,4% no segundo semestre, e isso se refletiu em maiores contratações no Rio Grande do Sul, que lidera a produção nacional nesse setor. Assim, embora a produção local de grãos tenha sido frustrada pela estiagem, a indústria gaúcha de máquinas agrícolas beneficiou-se da expansão da safra brasileira e das expectativas favoráveis para a rentabilidade da produção agrícola em 2021.

Outros setores que ajudam a explicar o maior saldo positivo de empregos em 2020 são os de fabricação de produtos intermediários da madeira (763 postos), de laticínios (579 postos), de fabricação de produtos do fumo (269 postos) e da pecuária (369 postos). Esses setores, aumentaram significativamente a criação de empregos em 2020, comparativamente ao ano anterior.

Por outro lado, os setores com maior perda de empregos no acumulado do ano foram os de fabricação de produtos de panificação (-384 postos) e de curtimento e preparações de couro (-288 postos). No setor de panificação, o fechamento de vagas ainda reflete o momento crítico do segundo trimestre, quando muitos pequenos comércios suspenderam as atividades em função da pandemia, e parte substancial dos trabalhadores foi desligada. Nos meses seguintes, o setor recuperou-se lentamente, tendo acumulado saldo positivo de empregos no segundo semestre. Para o setor de curtimento e preparações de couro, elo central da cadeia coureiro-calçadista no Rio Grande do Sul, a pandemia resultou em forte contração da demanda. Estudos apontam que os setores de calçados e vestuário estão entre os mais adversamente impactados pela crise. Em um ambiente de grande incerteza e de menor circulação em ambientes abertos, os consumidores optaram por adiar compras de itens não essenciais, impactando a indústria calçadista gaúcha. Tabela 2.

Tabela 2

Setores do agronegócio com maior criação e perda de empregos formais celetistas no
Rio Grande do Sul — 2020

SETORES	EMPREGOS CRIADOS		DIFERENÇA
	Jan.-Dez./2019	Jan.-Dez./2020	
Maiores saldos			
Abate e fabricação de produtos de carne	190	6.626	6.436
Fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários	115	1.740	1.625
Fabricação de produtos intermediários de madeira	-408	763	1.171
Comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais	1.017	705	-312
Laticínios	-98	579	677
Pecuária	-63	369	432
Fabricação de adubos e fertilizantes	-42	328	370
Horticultura e floricultura	90	271	181
Fabricação de produtos de fumo	-488	269	757
Menores saldos			
Fabricação de produtos de panificação	83	-384	-467
Curtimento e preparações de couro	-272	-288	-16
Fabricação de massas alimentícias	48	-174	-222
TOTAL DO AGRONEGÓCIO	331	11.643	11.312

Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho.

Nota: 1. Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo.

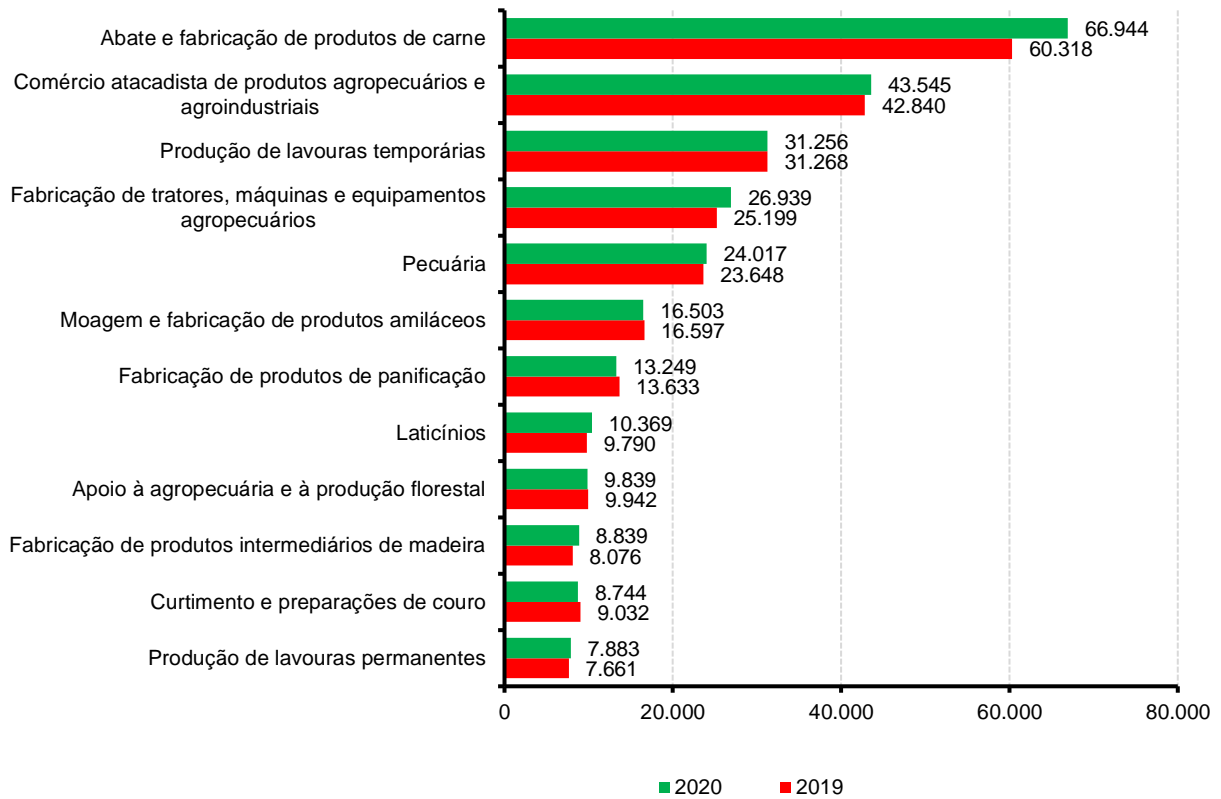
2. Os dados até 2019 são do Caged. A partir de 2020, utiliza-se o Novo Caged.

Ao final do quarto trimestre de 2020, os setores com maior estoque de empregos formais no agronegócio gaúcho são os de abate e fabricação de produtos de carne, de comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais, de produção de lavouras temporárias e de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários. Entre os 12 principais setores empregadores do agronegócio gaúcho, sete registraram saldo positivo de empregos em 2020 (Gráfico 10).



Gráfico 10

Estoque de empregos formais celetistas nos principais setores empregadores do agronegócio do Rio Grande do Sul — 2019 e 2020



Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho.

Nota: O estoque é estimado através da combinação das informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

Para 2021, as projeções indicam a recuperação parcial da produção das principais culturas impactadas pela estiagem no ano passado. Estimulados pelas condições de mercado, os produtores aumentaram a área plantada das principais lavouras temporárias, exceto o fumo. Contudo, a falta de chuvas em novembro e dezembro prejudicou a implantação e o desenvolvimento de algumas culturas, como o milho, limitando a recuperação do rendimento físico médio das lavouras. Em janeiro, as chuvas regularizaram-se na maior parte do Estado e, segundo as projeções da Administração Oceânica e Atmosférica Nacional dos Estados Unidos (NOAA), não estão previstas anomalias severas de precipitação no território gaúcho na primeira quinzena de fevereiro. Isso favorece o enchimento dos grãos e a maturação da soja, assim como o rendimento físico do milho plantado mais tardiamente. Tabela 3.



Tabela 3

Área plantada, produção e rendimento médio das lavouras, de culturas selecionadas, de verão no Rio Grande do Sul — 2020-21

PRODUTOS DAS LAVOURAS	ÁREA PLANTADA (HECTARES)			PRODUÇÃO (TONELADAS)			RENDIMENTO FÍSICO (kg/ha)		
	2020	2021	Var. %	2020	2021	Var. %	2020	2021	Var. %
Arroz	951.397	963.860	1,3	7.768.085	7.619.984	-1,9	8.180	7.908	-3,3
Milho (grão)	751.673	790.762	5,2	4.208.693	4.585.604	9,0	5.674	5.818	2,5
Soja	5.980.671	6.075.058	1,6	11.295.193	19.421.238	71,9	1.895	3.197	68,7
Fumo	166.740	163.949	-1,7	288.497	343.314	19,0	1.735	2.095	20,7
Uva	46.774	46.797	0,0	735.356	875.065	19,0	16.009	18.896	18,0

Fonte dos dados brutos: IBGE (2021).

Com a alta nas cotações e a melhora nas relações de troca, na atual safra, aumentou a disposição dos agricultores gaúchos ao fechamento de contratos antecipados de comercialização, com fixação de preços. Portanto, a dimensão e a qualidade da produção, variáveis ainda sujeitas ao risco climático, serão elementos essenciais para garantir a realização do faturamento e o aproveitamento das margens positivas de rentabilidade.

No setor de carnes, no curto prazo, a continuidade da geração de postos de trabalho dependerá essencialmente dos fluxos de exportação e da velocidade de recuperação da demanda doméstica. Além da perda de renda decorrente da crise econômica, o consumo de carnes no mercado nacional tem sido afetado pelo alto nível de preços ao consumidor, situação que deve persistir no primeiro trimestre de 2021. Um grande desafio que se impõe ao setor de carnes desde o segundo semestre de 2020 é a obtenção de margens de rentabilidade positivas, sobretudo no setor de aves, dados os aumentos expressivos dos preços dos principais insumos em 2020. Nas exportações, a continuidade da tendência de apreciação cambial também é desafiadora. Nesse cenário, o comportamento das cotações internacionais será um fator-chave para a definição do nível de competitividade da indústria brasileira. Dentre os aspectos favoráveis para a expansão das exportações, destaca-se a demanda aquecida em países emergentes, especialmente na China, que ainda não se recuperou plenamente da Peste Suína Africana. Além disso, a recente difusão da influenza aviária na Europa e na Ásia pode favorecer o crescimento das vendas brasileiras.

Referências

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA**: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola — LSPA: dezembro 2020. [Brasília, DF]: IBGE, 2021. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/lspa/brasil>. Acesso em: 08 fev. 2021.



Apêndice

Tabela A.1

Tabela-resumo das exportações do agronegócio do Rio Grande do Sul — 4.º trim./2020

SETORES E GRUPOS DE PRODUTOS	VALOR (US\$ FOB)	PARTICIPA- ÇÃO %	VARIÇÃO			
			US\$ FOB	Valor (%)	Volume (%)	Preço (%)
Carnes	523.061.615	26,2	-19.731.848	-3,6	4,6	-7,9
Carne de frango	233.669.286	11,7	-40.380.919	-14,7	-2,9	-12,2
Carne suína	163.262.588	8,2	23.758.101	17	30,8	-10,5
Carne bovina	99.526.972	5,0	3.826.000	4	11,9	-7,1
Fumo e seus produtos	450.751.561	22,6	54.983.017	13,9	30,6	-12,8
Fumo não manufaturado	406.143.016	20,3	46.810.755	13	35,8	-16,8
Produtos florestais	289.909.085	14,5	61.750.836	27,1	42,2	-10,6
Celulose	201.239.641	10,1	35.008.290	21,1	16,9	3,5
Soja	260.540.853	13,1	-1.305.632.245	-83,4	-84,2	5,6
Farelo de soja	236.659.900	11,9	20.217.026	9,3	-10,7	22,5
Soja em grão	23.878.680	1,2	-1.324.857.141	-98,2	-98,2	-2,0
Óleo de soja	2.273	0,0	-992.130	-98,2	-99,9	137,5
Cereais, farinhas e preparações	116.330.977	5,8	-3.897.046	-3,2	9,3	-11,5
Arroz	65.351.155	3,3	-43.596.886	-40	-46,9	13,1
Trigo	45.209.518	2,3	38.246.516	549,3	519,4	4,8
Milho	60	0,0	-1.660.766	-100	-100	1.176,30
TOTAL	1.996.181.463	100,0	-1.199.671.421	-37,5	-51,2	28,0

Fonte: Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão/Departamento de Economia e Estatística (SPGG/DEE).

Nota: Os dados brutos são do Ministério da Economia/Secretaria de Comércio Exterior.

Tabela A.2

Tabela-resumo das exportações do agronegócio do Rio Grande do Sul — 2020

SETORES E GRUPOS DE PRODUTOS	VALOR (US\$ FOB)	PARTICIPA- ÇÃO %	VARIÇÃO			
			US\$ FOB	Valor (%)	Volume (%)	Preço (%)
Soja	3.815.026.638	37,9	-1.174.137.080	-23,5	-22,7	-1,1
Soja em grão	2.943.458.801	29,2	-1.192.075.143	-28,8	-27,1	-2,3
Farelo de soja	794.766.135	7,9	15.647.810	2,0	-2,9	5,0
Óleo de soja	76.801.702	0,8	2.290.253	3,1	9,7	-6,0
Carnes	1.986.553.156	19,7	286.781.499	16,9	23,0	-5,0
Carne de frango	920.798.232	9,1	8.523.527	0,9	15,8	-12,8
Carne suína	627.497.878	6,2	215.769.343	52,4	54,5	-1,4
Carne bovina	328.298.075	3,3	65.486.562	24,9	24,0	0,7
Fumo e seus produtos	1.334.502.021	13,3	-437.796.433	-24,7	-7,0	-19,0
Fumo não manufaturado	1.188.662.215	11,8	-448.801.792	-27,4	-7,5	-21,5
Produtos florestais	957.425.973	9,5	-580.437.944	-37,7	-1,0	-37,1
Celulose	643.108.297	6,4	-626.561.697	-49,3	-23,7	-33,6
Cereais, farinhas e preparações	662.622.771	6,6	106.339.617	19,1	9,9	8,4
Arroz	452.908.754	4,5	123.138.283	37,3	32,0	4,0
Trigo	106.309.521	1,1	-6.244.809	-5,5	-2,2	-3,4
Milho	86.116.919	0,9	-17.090.852	-16,6	-17,9	1,6
TOTAL	10.068.837.445	100	-1.926.515.907	-16,1	-12,5	-4,0

Fonte: Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão/Departamento de Economia e Estatística (SPGG/DEE).

Nota: Os dados brutos são do Ministério da Economia/Secretaria de Comércio Exterior.

